



## 1991 - 2011 - 2031

### Vinte anos de Economia de Comunhão, perspectivas para o futuro

«Nós acreditamos que é possível construir uma economia que leva a sério o princípio da fraternidade» e que «sendo assim a economia vai contribuir para a realização da pessoa humana e de todos os povos». É a mensagem “**De São Paulo para o mundo**” para expressar convicções, esperanças e compromissos na conclusão da conferência internacional “**A profecia torna-se realidade: 20 anos da Economia de Comunhão**”, realizada domingo, 29 de maio, no Auditório Simon Bolívar, no Memorial da América Latina, em São Paulo.

Essa mensagem foi lida por 17 jovens em diversas línguas, diante de mais de 1600 pessoas de 37 países. Ela pede para «que a economia de 2031 seja de comunhão, para nós e para todos». «Nós, os jovens de São Paulo de maio de 2011, fixados em 1991, mas interessados e responsáveis por como serão a economia e o mundo em 2031, acreditamos que a Economia de Comunhão tenha vindo à terra, nesta terra brasileira vinte anos atrás, também para alimentar e realizar a nossa esperança».

Era 29 de maio de 1991, quando Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, precisamente no Brasil, lançou a proposta da Economia de Comunhão (EdC), resultado de uma sua intuição que amadureceu após ter conhecido as desigualdades sociais do país, visíveis nas favelas que circundam a selva de pedra, formada pelos arranha-céus, na cidade de São Paulo.

**O cardeal Odilo Scherer**, arcebispo de São Paulo, visitou, no dia 26 de maio, a Assembleia Internacional da EdC, realizada na cidadezinha-testemunho dos Focolares nos dias que antecederam o congresso. Ele encorajou a todos os presentes a divulgarem a proposta da EdC, que está «em plena sintonia com o que sugere, há muito tempo, a Doutrina Social da Igreja para a economia». «A EdC oferece certamente a possibilidade de uma saída diferente para os problemas econômicos do mundo», disse. «A riqueza, se não for compartilhada, gera conflitos».

A EdC tem «o potencial de transformar interiormente o agir econômico, não só nas empresas, mas também nas famílias, nas instituições financeiras, nas políticas econômicas», ressaltou Maria Voce, presidente do Movimento dos Focolares, na mensagem de boas-vindas enviada para a ocasião. Lembrou que devemos ter em mente uma condição basilar: «A EdC terá um novo impulso se tiver como horizonte o mundo unido e só assim será capaz de mover os corações, as ações, o entusiasmo daqueles que buscam ideais elevados pelos quais dedicar as suas vidas». Então, ela não duvida que «vai nascer uma nova estação de criatividade e de protagonismo em todos, para assim responder a um grande encontro marcado com a história».

No evento internacional, o empresário **Alberto Ferrucci**, presidente da Prometeu SRL, referiu-se ao trabalho fecundo da Assembleia; **Rubens Ricupero**, reitor da FAAP de São Paulo, apresentou os desafios e as esperanças da economia; a socióloga **Vera Araújo**, coordenadora do grupo internacional de sociólogos e estudiosos do trabalho social “Social One”, apontou os fundamentos da cultura do dar, enquanto o economista **Stefano Zamagni**, docente de economia na Universidade de Bolonha, falou da EdC como o “renascimento” para a economia na sociedade global.

Os resultados e a expansão deste projeto foram destacados por diversas experiências realizadas nos vários continentes. Nas Filipinas, Tereza Ganzon contou a experiência de um banco rural que atualmente tem 16 filiais e 270 funcionários, o *Kabayan Bangko* do qual ela é diretora. Chamou a atenção para o crescimento, não para o enriquecimento pessoal, mas para oferecer novos postos de trabalho; saiu da crise financeira asiática de 1998 ao criar no banco uma linha de microcrédito para ajudar as pessoas de baixa renda. Suas regras: transparência, ética, legalidade, a participação dos trabalhadores, a atenção ao desenvolvimento da comunidade e aos mais necessitados.

«*Vimos ao Brasil para ter uma nova compreensão da inspiração de Chiara*», salientou **Luigino Bruni**, docente da Universidade de Milano-Bicocca e do Instituto Sophia e coordenador da Comissão Internacional da EdC. Ao delinear as perspectivas, afirmou que «*hoje nós precisamos mudar de patamar, fazer uma reviravolta em cada um e em todos se quisermos nos colocar a caminho com esperança rumo a 2031*», porque «*a EdC erradica a pobreza e transforma as pessoas, mas agora faz-se necessário também mudar as instituições econômicas*».

Colocando por terra a abordagem dominante cujo centro é o capital, Bruni afirma que «*o primeiro e fundamental fator na empresa e na economia são as pessoas. É a criatividade delas, a paixão de cada uma que faz a diferença*». Finalmente, «*a EdC nasceu e nasce a cada dia de um carisma: por esta razão existe uma forte ligação entre a EdC e os jovens: o carisma e os jovens têm em comum a esperança e a fé no futuro, os grandes projetos e ideais. As novas gerações na EdC são um fruto precioso desses primeiros vinte anos, mas também uma garantia para caminhar livremente rumo ao futuro*».

***Em anexo mensagem final “De São Paulo para o mundo”***

***Outro material disponível encontra-se no site [www.focolare.org/it/area-press-focus/](http://www.focolare.org/it/area-press-focus/)***

***Mais informações:***

[www.edc2011.info](http://www.edc2011.info)

[www.edc-online.org](http://www.edc-online.org)

*Umberta Fabris (+39) 348 8563347*

*Benjamim Ferreira (+39) 348 4754063*



## Mensagem dos jovens “De São Paulo para o mundo”

### Que a economia de 2031 seja de comunhão, para nós e para todos

#### **PREMISSA**

Ao final da Assembleia 2011 da Economia de Comunhão na liberdade (EdC), por ocasião dos 20 anos do início do projeto, nós todos que participamos, em particular nós jovens, sentimos a responsabilidade de lançar uma mensagem “De São Paulo para o mundo”, a todos aqueles que acreditam, desejam e se comprometem em viver por um sistema econômico mais justo e solidário.

#### **ACREDITAMOS**

Nós acreditamos que:

- A economia e as empresas devem assumir, ao lado dos princípios da liberdade e da igualdade, também o princípio da fraternidade. Dessa forma, a economia dará a sua contribuição para que se realize plenamente a dignidade da pessoa humana e a dignidade de cada povo. Consequentemente, será possível dar sentido à própria vida e ao desejo de felicidade escondido no coração de cada mulher e de cada homem;
- Não podemos e não queremos mais suportar a existência de mais de um bilhão/mil milhões de pessoas que ainda hoje vivem em condições de pobreza absoluta. Nós não podemos e não queremos ter paz até que cada pessoa na face da Terra não tenha o necessário para uma vida decente, para viver a vida que ama, para desenvolver suas potencialidades e capacidades, para cultivar os seus sonhos individuais e coletivos. Mas acreditamos também que é preciso, sobretudo mulheres e homens novos, que todos os dias escolham estilos de vida solidários e sóbrios, que usem a sua criatividade, também no campo empresarial e institucional, compartilhando seus talentos, arriscando e amando de modo concreto em suas vidas.
- Que seja possível construir uma economia que leva a sério o princípio da fraternidade, que aplicado na esfera econômica se chama comunhão, pelo menos por quatro motivos:
  1. A presença de uma economia de fraternidade já pode ser vista nas escolhas quotidianas de comunhão de bens e sobriedade de milhões de pessoas que vivem, em diversos níveis, a mesma espiritualidade da unidade e a mesma cultura que anima o projeto da EdC, a cultura do dar e da reciprocidade;
  2. O mesmo espírito de fraternidade também está presente nas experiências das centenas de empresas do projeto EdC que, não obstante as dificuldades e os fracassos pequenos ou grandes, permanecem fiéis aos valores da EdC através da distribuição dos lucros em favor dos irmãos em dificuldades, para a criação de postos de trabalho e para a difusão de uma ‘cultura do dar’; e fundamentam as suas escolhas relacionadas com a gestão no respeito ao cliente, ao trabalhador, ao

fornecedor e à sociedade civil;

3. É possível encontrar no mundo a presença do mesmo espírito de comunhão e de fraternidade em muitas experiências de economia social, civil e solidária. É um múltiplo movimento em contínuo crescimento que afirma, em linguagens diferentes, que outra orientação pós-capitalista para a economia de mercado é possível, se quisermos e nos comprometemos todos, juntos e imediatamente.

4. Enfim, acreditamos que uma economia de comunhão é possível porque em cada homem e em cada mulher da Terra a vocação para a comunhão e para o amor está “escrita no mais profundo do seu ser, quer tenha fé ou não”, como nos disse Chiara Lubich. Somente uma economia desse tipo pode satisfazer plenamente a nossa busca de felicidade, individual e pública.

## **PEDIMOS**

Com esta tríplice fé, nós jovens da EdC, representantes de milhares de jovens e de adultos de várias culturas, países, religiões, condições econômicas e sociais, queremos também pedir mudanças concretas, aqui e agora.

1. Nos últimos anos o desenvolvimento econômico foi poluído pelo comportamento eticamente discutível de uma finança sem regras que criou grandes danos, chegando ao ponto de colocar em risco o funcionamento do próprio sistema. O mecanismo econômico e financeiro ocidental permanece estruturalmente frágil e requer novas regras que sejam capazes de reconduzi-lo às suas insubstituíveis funções para o bem comum. Por isso, nós pedimos aos governos dos países para:

- envolver a sociedade civil nas políticas para o desenvolvimento, começando pela família, valorizando o trabalho em part time, com atenção para com a infância e a assistência aos familiares idosos ou com necessidades especiais;
- favorecer juridicamente o trabalhador assalariado, as famílias com filhos menores e a proteção do ambiente;
- desencorajar, também com instrumentos fiscais, as transações financeiras altamente especulativas;
- combater a evasão fiscal, eliminar os “paraísos fiscais” e reduzir os gastos militares desnecessários para a proteção dos povos;
- abolir as barreiras alfandegárias para os produtos dos países que respeitam o trabalho e o ambiente.

2. Por isso, pedimos a todos os cidadãos do mundo, começando por nós, presentes hoje aqui em São Paulo, que se esforcem com convicção renovada e novo empenho, também sob o plano político, jurídico, institucional, em favor de uma economia onde, juntamente com os princípios co-essenciais de liberdade e igualdade, exista também um espaço concreto para as exigências da fraternidade entre pessoas e entre povos, favorecendo com as próprias escolhas de consumo e de economia aquelas empresas geridas eticamente e que investem parte significativa dos seus lucros para o bem comum. De fato, a EdC está a nos dizer que o lucro das empresas tem uma natureza e uma vocação social.

3. A EdC, desde o início, atribuiu uma grande importância à formação de “homens novos”. Por isso nós pedimos:

a. Que nos currículos das escolas fundamentais/básicas e médias sejam inseridos cursos de educação orientados ao ambiente, à legalidade, à educação para a fraternidade e para a globalidade, que favoreçam a integração, a paz, a comunhão e a unidade entre os povos, reduzindo assim o risco de futuras guerras e a destruição do planeta.

b. Que aumentem significativamente os esforços por parte das universidades dos países

com mais recursos financeiros e culturais para realizar, no respeito recíproco, o intercâmbio de docentes com as outras universidades do mundo, visto que não existe futuro para os jovens sem formação de alta qualidade.

c. Que nas faculdades de economia e de ciências políticas e sociais seja reconhecido o ensino de visões e teorias econômicas diferentes daquelas que hoje são predominantes.

## CONCLUSÃO

Nós jovens temos a consciência de que somos a primeira geração na história da humanidade que corre o sério risco, em escala global, de ter um futuro pior que aqueles que tiveram os nossos pais, por causa das feridas profundas infligidas neste último século ao ambiente, ao ar, à água, às energias não renováveis.

Ainda, uma crescente ideologia individualista, xenófoba e não solidária se vislumbra no horizonte da nossa civilização pós-moderna. Ao mesmo tempo, confiamos e temos a certeza de que a Providência existe e opera na história, e que também nós podemos ter um futuro melhor que o passado e acreditamos que a EdC tenha vindo à Terra, a esta Terra brasileira vinte anos atrás, para alimentar e tornar possível esta nossa esperança.

Por tudo isso, nós jovens reunidos em São Paulo no mês de maio de 2011, enraizados na EdC de 1991, e como nunca interessados e responsáveis por como serão a economia e o mundo em 2031, acreditamos que se estas nossas convicções, esperanças, empenhos, desejos forem compartilhados por muitos homens e mulheres de todos os continentes e se os nossos e os seus comportamentos quotidianos forem coerentes com essa corrente, a aspiração de uma economia não só eficiente e justa, mas também fraterna, não será uma simples utopia.

Nós participantes da assembleia EdC de São Paulo, mesmo se fossemos os únicos, nos empenhamos solenemente a agir assim, estabelecendo um pacto entre nós, certos que muitos outros se unirão e estarão ao nosso lado, porque estamos convencidos que a comunhão é a vocação profunda de cada pessoa, empresa, comunidade.

*“Que todos sejam um”.*

São Paulo, 29 de maio de 2011